



Ficha de pesquisa

Tronco do módulo/ **D**

Acreditar na EDUCABILIDADE de todas as crianças: um pré-requisito para ensinar?

Entre os grandes pedagogos, desde Comenius e Itard a Montessori e Freinet, há uma característica comum: a firme convicção na educabilidade de todas as crianças.

Esta crença não é apoiada por nenhuma evidência científica. É mais um postulado que todos os professores e investigadores devem ter em mente par atingir a sua missão educativa, adaptarem-se à multiplicidade e diversidade dos desafios educativos que lhes são propostos e inovar para ter mais sucesso.

O exemplo de Victor, a criança selvagem de Aveyron, cuja educação Jean ITARD assumiu, é um dos mais edificantes para acreditarmos na educabilidade de todos.

No final do séc. XIX no sul de França, uma criança, que era provavelmente deficiente cognitiva, foi abandonada, nua, pelos seus pais, num território selvagem. Durante três anos, vagueou pela floresta, no estado selvagem. Foi capturada várias vezes e conseguiu sempre escapar. Mas no ano de 1800, numa altura em que o inverno era especialmente duro, a criança foi acolhida por um habitante da aldeia. Foi entregue a especialistas que logo o diagnosticaram como “idiota à nascença”, incapaz de falar e desadaptado de toda a vida social.

Jean Gaspard ITARD, que tinha na altura 25 anos, especialista em surdos-mudos, interessou-se pelo caso desta criança a quem chamou de Victor.

Embora ele tenha, sem dúvida, falhado no seu objetivo secreto de fazer falar esta criança, a sua ação educativa, contudo, teve resultados muito significativos:

- ele conseguiu realizar tarefas domésticas, como pôr a mesa
- conseguiu realizar trabalho no jardim (cavar) ou cortar madeira
- fez um tremendo progresso na socialização
- nessa altura conseguiu mostrar empatia

Embora o resultado final não satisfizesse completamente a ambição de ITARD, o caminho percorrido pelo jovem Victor foi enorme, perante os traumas psicológicos (e provavelmente físicos) que esta criança sofreu, mesmo quando se considera atualmente impossível a sua capacidade para falar.

Para atingir este resultado, ITARD foi inovador ao criar ferramentas educativas adaptadas à criança. Maria MONTESSORI reconheceu ITARD como um precursor, em quem se inspirou.

Victor é provavelmente um caso extremo, que provavelmente não se voltará a encontrar na sociedade europeia atual. Os meios utilizados para o educar foram consideráveis e fora do alcance de qualquer sistema escolar por mais sofisticado que seja. Contudo, mostra que a educação pode provocar um progresso significativo, se não desistirmos do desafio proposto, ao dizermos, como frequentemente se ouve dizer “não há nada a fazer por esta criança”...

Para atingir a sua missão educativa, o professor deve revelar um estado de espírito particular e implementar qualidades que são raras na nossa sociedade atual, onde as aparências e a obsessão com o padrão e os resultados estatísticos podem contar mais do que tudo.

Philippe MEIRIEU, especialista em pedagogia, Professor Universitário de ciências educativas na Universidade de Lyon-II (França), analisa corretamente estas qualidades e apresenta os princípios que devem apoiar qualquer ambição pedagógica:

"A educabilidade é primeiramente e acima de tudo o princípio "lógico" da atividade educativa: se não se pressupuser que aquilo que se quer ensinar é educável, é melhor mudar de profissão. É também um princípio heurístico essencial: apenas postular a educabilidade do outro inibe o educador de sistematicamente atribuir as suas falhas a causas sobre as quais ele não tem poder e de se comprometer na procura obstinada de novas mediações. Isto é, sem dúvida, porque a grande maioria das "invenções didáticas" foram criadas por aqueles que tentaram educar pessoas que estavam condenadas a não serem educáveis. Mas a afirmação de que a educabilidade é também, paradoxalmente, um sinal de modéstia, proíbe um fecho definitivo do seu futuro ao condenar ser apenas a duplicação do seu passado, deixa em aberto a possibilidade de uma mudança, um sucesso, uma redenção, a qual bem conhecemos, no registo humano, de que pode sempre acontecer. O postulado da sua educabilidade é, assim, uma espécie de "olho eficaz" , na medida em que comunica ao outro, muitas vezes sem que se aperceba disso, uma imagem de si próprio com a qual nós sabemos bem que tem a tendência de se adaptar.

Mas o princípio de educabilidade pode, temos consciência disso, levar a desvios preocupantes: nós sabemos o que acontece quando pretendemos educar "a qualquer custo": a violência não está longe, a exclusão às vezes, a "reeducação" por vezes. A armadilha, na educação, confunde a formação de uma pessoa com o fazer um objeto, não tolerando que o outro possa escapar-nos, negar-se... e abandonar o princípio da educabilidade quando o outro não nos devolve o esforço que fizemos por ele com a sua gratidão, submissão ou sucesso. O verdadeiro desafio educativo é o da educabilidade associada com a não reciprocidade: fazer tudo para que o outro seja bem sucedido, insistindo na invenção de todos os meios possíveis para ele aprender mas sabendo que é ele que está a aprender e que, embora exigindo o melhor, devo estar preparado para aceitar o pior e, especialmente, para continuar a exigir o melhor depois de aceitar o pior! Admitir que o princípio da educabilidade está a ser constantemente derrotado sem, contudo, desistir. Assumir a negatividade da educabilidade sem, contudo, cair no rancor e suficiência, sem

nos afundarmos no fatalismo.

O princípio da educabilidade e o seu corolário, o princípio da não-reciprocidade, estão, deste modo, no âmago da dinâmica pedagógica, constituem, de certo modo, a aposta fundadora... escolhas éticas e políticas ao mesmo tempo, são na realidade, a verdadeira “pedra de toque” de muitos dos debates que seriam úteis para esclarecer a atual discussão, para lançar a discussão sistemática.

O que está em risco, basicamente, de acordo com a pesquisa pedagógica, é a posição que nós adoptamos sobre estas duas questões essenciais: estou pronto para apostar na educabilidade de todos e pôr em prática todo o conhecimento que tenho e toda a imaginação para a conseguir atingir? Estou disposto a aceitar que o outro pode abandonar ao meu projeto, não me recompensa com gratidão ou submissão, pode sair da minha influência... sem, contudo se responsabilizar ou desistir da minha determinação?

Philippe MEIRIEU

De acordo Philippe MEIRIEU, para ensinar devem-se combinar qualidades raras: obstinação sem cair numa procura não ética, um sentido de observação, criatividade, mas também modéstia, a capacidade de se questionar, a aceitação do erro sem culpabilizar o outro e sem desistir da sua missão...

Ser um pedagogo significa ter o princípio da educabilidade, aceitando o princípio da não-reciprocidade.

É sem dúvida um trabalho não gratificante, mas quando agarramos casos difíceis com criatividade, o mais pequeno progresso é uma pequena vitória, infinitamente mais saborosa do que o sucesso comum conseguido pelos métodos de Stakhanovist da educação das massas.